

## A CONTRIBUICAO DO DESENHO PARA ETNOGRAFAR A “ARTE DO ESTAR NO AGORA”.

TANIZE MACHADO GARCIA<sup>1</sup>; DANIELE BORGES BEZERRA<sup>2</sup>; CLAUDIA TURRA MAGNI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – [tanizemgarcia@gmail.com](mailto:tanizemgarcia@gmail.com)

<sup>2</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – [borgesfotografia@gmail.com](mailto:borgesfotografia@gmail.com)

<sup>3</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – [clauturra@yahoo.com](mailto:clauturra@yahoo.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Diante da imprevisibilidade dos estudos de ciências sociais, no atual contexto de pandemia por Covid19, o fazer científico exige cada vez mais esforço, atenção e criatividade, sobretudo quando se trata da especificidade empírica da produção de dados em antropologia, que demanda estar em contato direto com as pessoas. O equacionamento de questões sobre como as pessoas lidam com a incerteza e as tensões provocados por esse período de vulnerabilidade extrema tornam relevantes as considerações de Ingold (2015) sobre uma “antropologia da vida”. O autor postula uma prática de engajamento coletivo com o mundo e compreende o *ser* como categoria de pensamento em que a noção de pessoa implica a inseparabilidade entre corpo e mente e a complementaridade entre objetividade e subjetividade (INGOLD, 1991). Atenta a isso, fui despertada pelo crescente aumento nas buscas pelo “autoconhecimento” através da prática de meditação fora dos templos religiosos e na modalidade *on-line*. Esta comunicação apresenta reflexões que são do âmbito de minha pesquisa de tese vinculada ao curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel). Coerente com as medidas sanitárias de saúde pública, adotadas diante da pandemia trata-se de trabalho realizado de forma virtual, *on-line*, correspondente à fase preliminar da pesquisa de campo.

O foco de interesse da pesquisa etnográfica recai sobre os aspectos epistemológicos e metodológicos permeados pelo desenho na relação dialógica estabelecida com meus interlocutores, autodenominados “artistas do agora”. Eles integram o curso intitulado “A arte de estar no agora”, realizado pela Escola do Ser (Pelotas/RS), que tem por objetivo “[...] o despertar da consciência e construção de uma sociedade mais leve e amorosa desenvolvendo o nosso SER” (ESCOLA, 2020). De acordo com os idealizadores, o programa intenta compartilhar ferramentas para o desenvolvimento da habilidade de viver em “estado de presença” e as técnicas de meditação seriam “[...] ferramentas práticas para gerar consciência no dia-a-dia” (ESCOLA, 2020). Para tanto, enfatizam que “somos natureza” (DIÁRIO DE CAMPO, 2020), através de atividades coletivas fundamentadas na mecânica e na física quântica, considerando que o *ser* é composto por moléculas e energias conectadas à substância do planeta mas a sua essência seria de origem universal.

A pesquisa tem por objetivo ponderar sobre os aspectos sociais e epistemológicos implicados nas múltiplas narrativas e técnicas sensoriais acionadas pela Escola do Ser, visando o ensino de práticas de meditação ativa e meditação guiada. A meditação ativa consiste em um estado de consciência desperta e voltada à ação praticada, como colorir mandalas, por exemplo. Por outro lado, a meditação guiada, exige o silenciamento da fala, atenção ao próprio corpo, suas funções e pensamentos. É frequente que seja solicitado ao grupo a repetição mental do mantra “lá estão os pensamentos, aqui estou eu”. Nas duas

modalidades meditativas o objetivo é alcançar o “estado de presença”, a atenção para o *instante*, que converge para a noção antropológica de “educação da atenção” (INGOLD, 2010). Nesse sentido, este resumo busca elucidar uma dimensão da pesquisa relacionada à vivência do “estado de presença” neste contexto de isolamento imposto pela pandemia, em que a suspensão dos encontros presenciais de toda a ordem, impõem às relações um caráter de liminaridade (TURNER, 1974; DAWSEY, 2010).

Finalmente, a pesquisa tece tramas temáticas entre as áreas da antropologia da vida, antropologia visual, antropologia da experiência e antropologia dos sentidos para pensar, nos termos de Tim Ingold (2010), o “mundo-ambiente”. Nessa abordagem, formas sensíveis de experimentação do campo se alinham com o paradigma ecológico, cuja premissa da ruptura da dicotomia entre natureza e cultura, bem como das formas lineares de escrita, encorajam outras abordagens e práticas de reflexão sobre as culturas (INGOLD, 2010; 2015; DAWSEY, 2010; STEIL E CARVALHO, 2012).

## 2. METODOLOGIA

Em meio ao contexto da pandemia, em que as relações sociais passaram a ser mediadas pela internet, por meio de diferentes suportes, à exemplo do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e das salas virtuais como o *Google Meets* e *Zoom*, a metodologia adotada passou a ser uma variante da observação participante, condizente com a prática de etnografia para a internet (HINE, 2004). Além do mais, torna-se coerente com as experiências que têm sido vivenciadas pelos interlocutores da pesquisa, alunos e instrutores de meditação da Escola do Ser. Ao enfrentar os desafios impostos pelas “barreiras sanitárias”, que nos impedem de “estar lá” (LEITÃO, 2011), foram observados importantes aspectos que despertaram a reflexão sobre a forma e o fazer antropológico em sua dimensão criativa e inventiva – foco de interesse do grupo de pesquisas Antropoéticas.

Para o alcance dos aspectos que são da ordem dos sentidos – pensamentos, sentimentos e emoções – há um engajamento da antropóloga na participação *on-line*, juntamente com o grupo frequentador do curso A arte de estar no agora. No ano de 2020, os encontros presenciais (do curso iniciado em 2016) migraram para o ambiente virtual e foram acompanhados pela pesquisadora. Trata-se de dois encontros semanais, com temas pré-definidos, frequentados por pessoas de universos sociais heterogêneos que se *encontram* para aprender e praticar meditação com foco na compreensão de si em relação aos outros.

Nesse contexto, são utilizadas técnicas de desenho apropriadas do campo da arte, como forma de tornar tangíveis experimentações e subjetividades relacionadas ao estado de presença. Nesse caso, os desenhos e aquarelas produzidos durante as imersões também se tornaram fundamentais para a aproximação com os interlocutores do universo pesquisado, costurando ética e poeticamente a figura da antropóloga como uma “artista”. Concebo, dessa maneira, uma busca constante por grafias que melhor possam comunicar as instâncias sensíveis que emergem na relação com os interlocutores, identificados pela nomenclatura de Ser<sup>1</sup>. A busca por materiais e técnicas se desdobra em desenhos, escritas, pensamentos com os quais se busca narrar (PINHEIRO; MAGNI; KOSBY; 2019) a relação espaço/tempo relativo entre pessoa/mundo, ou ser/universo no contato com as energias que se encontram em abundância no

---

<sup>1</sup> Refiro-me a uma concepção de Ser que extrapola a noção de pessoa enquanto associada a dimensão física da matéria.



“[...] espaço entre o indivíduo e sua consciência conectada com o mundo” (Diário de Campo, 2020). Dessa maneira, a pesquisa se mantém aberta uma vez que visa, metodologicamente, compreender as múltiplas grafias no processo de registro, construção de narrativas e restituição do material empírico, considerando as transfigurações proporcionadas por metodologias poéticas no seu fazer, (INGOLD, 2015).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o prolongamento do estado de distanciamento social, a readequação dos modos de operar as situações cotidianas da vida abriu espaço para mergulhos científicos profundos sobre o paradigma ecológico (INGOLD, 2010), que provoca uma reavaliação da *práxis* antropológica, na busca por integrar as práticas, as relações e as experiências de vida das pessoas. Nesse sentido, a interlocução com *seres* que frequentam o curso A arte de estar no agora, evidenciou que estas buscas geram ou foram geradas por transformações no que se refere às formas de sociabilidade e mudança de comportamentos sociais, narrados pelos interlocutores.

Durante os encontros são realizadas conversas entre os instrutores e participantes, com intervenções, sejam elas escritas ou faladas e que são incorporadas às dinâmicas dos encontros. São propostas tarefas para a semana, tais como admirar a natureza, observar os sons ou a ausência deles nos espaços de tempo entre os sons, por exemplo, como formas de meditação ativa. São utilizados os grupos de WhatsApp com objetivo de manter os laços afetivos criados entre os praticantes e, neles, além do compartilhamento de materiais atinentes ao curso, são enviados reflexões, vídeos, fotos do dia a dia, etc. Ao longo das edições foi possível perceber que dentre os participantes alguns já haviam feito outros cursos oferecidos pela escola, incluindo A arte de estar no agora em formato presencial que, durante a pandemia de Covid-19, haviam retornado em busca de meios para lidar com a situação a qual o mundo se viu submerso, abruptamente.

O que pareceu ser um movimento transversal, por parte da antropóloga, ao trabalhar a transposição da fala e do silêncio aplicada às práticas meditativas, pelo desenho, se mostrou coerente. Pois, além de uma forma de tornar tangíveis as relações denominadas como “vibracionais” das aulas, as quais os ministrantes e os alunos se conectam para refletir sobre o despertar da consciência do/de “ser”, o desenho também foi crucial para amadurecer laços de confiança entre a pesquisadora e o grupo. Daí surgiu a necessidade de buscar por materiais diversos que dessem conta de transpor o movimento de escrita para outras formas sensíveis de narrar e refletir as sensibilidades advindas do campo. Há, dessa forma, predominância em desenhos aquarelados que evidenciam a transposição das pretensas barreiras sociais (materiais ou não) da quarentena. Dito de outra forma, as manchas são como as conexões entre os seres, os respingos e borrões de tinta narram a ligação dos sujeitos enquanto grupo heterogêneo, mas unido pelas aspirações e afinidades desde onde estão. Dessa forma, tanto “tempo”, quanto “espaço” são ressignificados a partir de um estado de consciência do momento presente, ou seja, quando os seres estão unidos pelas práticas da meditação guiada e meditação ativa a um grupo social afim.

### 4. CONCLUSÕES

Em sintonia com os chamados “artistas do agora” na relação deles com eles mesmos e deles com os outros, pelo uso das ferramentas e técnicas de desenho, constatei que o desenho assume o papel de mediador das relações da antropóloga com os interlocutores e se torna meio e suporte para tornar tangíveis as relações e experimentações sensíveis da ordem do fenômeno. Tais

experimentações, implicadas nos questionamentos que orbitam a esfera das energias e das vibrações, são pensadas como importantes aspectos do estabelecimento de laços de aproximação, afinidade e criação de significados sociais integrados com a experiência de “habitar com o mundo” e “ser no universo”.

A atenção para pensar os diálogos possíveis encadeados pela relação entre os interlocutores e a pesquisadora a partir do desenho, faz ponderar sobre a linguagem gestual aplicada como ferramenta de aproximação com os interlocutores, mas também a possibilidade de dar forma a estas relações que se dão no *ciberespaço*, ou no *hiperespaço* do instante, cuja meditação pretende alcançar. Assim, a identificação com as práticas sociais virtuais, em conexão com a natureza, visto que a contemplação de plantas e animais é destacada e denominada como “chave” ou “portal para o agora”, possibilitam uma pesquisa engajada com a antropologia imersa na vida (INGOLD, 2015), ou seja, para conhecer algo é necessária a imersão dos indivíduos na tessitura dos fenômenos do mundo. Assim, a busca por outros saberes e fazeres das pessoas é permeada pela criatividade que se expressa em outras formas de interação. Enriquece-se, desta forma, o argumento do autor de que as habilidades são desenvolvidas pela prática, e pelas pretensões individuais de transformação no fluxo da vida.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAWSEY, J. Victor Turner e a antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**. n. 13, p.163-176, 2005.

ESCOLA do Ser. **Disponível em:** [www.escoladoser.com.br](http://www.escoladoser.com.br). Acesso em set. de 2020.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Trad. HORMAZÁBAL, Cristian. Barcelona, Ed. Uoc, 2004.

LEITÃO, Débora. K.; GOMES, Laura G. Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnografia no Second Life. **Crônos: Rev. Pós-Grad. Ci. Soc.** RN, Natal, v. 12, n. 1, p. 25-40, jan / jun. 2011.

INGOLD, T. Estar vivo: Ensaios sobre movimento conhecimento e descrição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Become persons: consciousness and sociality in human evolution. **Cultural Dynamics**, v. 4, n. 3, p. 355-378, 1991.

PINHEIRO, P.; MAGNI, C. T.; KOSBY, M. F. Antropoéticas: Outras (Etno)Grafias. **Rev. Tessituras Revista de Antropologia e Arqueologia**: Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPel. v. 7, n. 2, jul-dez, 2019.

STEIL, Carlos A.; CARVALHO, I. C. M. **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo, Ed: Terceiro nome, 2012.

TURNER, Víctor. **O processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974